



FMJU2501

REDAÇÃO



03001012

TEXTO 1

É difícil analisar o fenômeno dos bebês reborn no Brasil. À primeira vista, são bonecos hiper-realistas, esculpidos em silicone com precisão cirúrgica: veias aparentes, textura da pele, peso equivalente ao de um recém-nascido. Vendidos como objetos de colecionador ou terapia para luto e infertilidade, ganharam status de “quase-humanos” em redes sociais. A questão que se impõe não é sobre a validade do hobby, mas sobre o que essa prática diz a respeito da relação entre fantasia, consumo e saúde psíquica em uma sociedade que substitui o real por imitações.

Eduardo Casarotto, psicanalista, aponta que os reborns funcionam como substitutos fetichizados para dores não elaboradas: a impossibilidade de ter filhos, o luto pela perda de uma criança, a idealização de uma maternidade perfeita. O boneco, nesse contexto, não é um objeto transitório, mas uma tentativa de preencher lacunas emocionais com algo controlável.

Há também um componente cultural. No Brasil, onde a família é romantizada como núcleo sagrado, mas faltam políticas públicas de apoio à maternidade e à saúde mental, os reborns oferecem uma ilusão palatável. São a encenação de um ideal sem os custos afetivos: pais e mães projetam neles o que desejariam viver, sem risco de fracasso.

O mercado, claro, capitaliza essa dinâmica. Com preços que variam de R\$ 150 a R\$ 5 mil, os reborns são vendidos como “terapia” ou “arte”, mas sua popularização depende da mesma lógica que impulsiona influencers a transformarem intimidade em espetáculo. A hashtag #maedereborn, com milhões de visualizações, não expõe apenas um hobby: revela como a dor e o desejo são comercializados como entretenimento. Questionar os reborns não é atacar quem os cultua, mas interrogar por que nossa época prefere simulações a confrontar vulnerabilidades.

(Hernandes Matias Junior. “Bebês reborn não choram porque sequer são bebês”. <https://romanticosradicais.com>, 29.04.2025. Adaptado.)

TEXTO 2



(Izania Charges. www.threads.com, 18.05.2025.)

TEXTO 3

Há quem considere um comportamento infantil ou inadequado, enquanto outros encaram a prática como uma forma de expressão artística, emocional e terapêutica. Por trás das reações, surge outro debate: por que será que hobbies atrelados às mulheres geram tanta repercussão, enquanto interesses tradicionalmente masculinos, como jogar videogame, são aceitos sem nenhum tipo de problema? O que isso diz sobre os papéis de gênero e a forma como diferentes comportamentos são socialmente interpretados?

“A maior parte das mulheres que têm esses bebês parecem colecionadoras ou os têm como ‘um brincar’, então a gente se pergunta o porquê de isso incomodar tanto. Eu não vejo tanta comoção com homens que gastem o mesmo montante de dinheiro com bonecos de herói, ou coleções de carros reais. Eles não estão brincando de carrinho?” ressalta a psicóloga Milena da Rosa Silva, professora do Programa de Pós-graduação em Psicanálise e Infâncias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

(Caroline Souza. “Bebês reborn x videogames: por que hobbies de mulheres são mais atacados?”. www.correiodopovo.com.br, 24.05.2025. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

BEBÊS REBORN: ENTRE AFETO SIMBÓLICO E SINTOMA SOCIAL